

Projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado

Reconceitualização do tempo em *Dialética negativa*
e o sublime na estética musical de Adorno

Pesquisador: Eduardo Socha

Supervisor: Paulo Eduardo Arantes

Instituição sede: FFLCH/USP

Título: *Reconceitualização do tempo em “Dialética negativa” e o sublime na estética musical de Adorno*

Resumo: Esta pesquisa de pós-doutorado pretende explorar um conjunto de questões referidas à noção não-formalista e não-linear de tempo na filosofia crítica de Theodor W. Adorno. Organizamos os problemas fundamentais da pesquisa em dois tópicos. Em primeiro lugar, trata-se de investigar a reconceitualização do tempo no plano mais abrangente da dialética negativa, apontando as motivações de Adorno para tal reavaliação no sentido de “romper, com a força do sujeito, o engodo da subjetividade constitutiva”; embora tal reconceitualização encontre-se prefigurada em “A ideia de história natural”, encontra-se melhor elaborada na *Metacrítica à teoria do conhecimento* e no segundo modelo da *Dialética negativa*. Em segundo lugar, analisaremos a singularidade da assimilação adorniana da categoria de *sublime*, considerada como elemento de dissolução do caráter de aparência (*Scheincharakter*) das obras de arte. O objetivo será mostrar a produtividade de tal apropriação (que parte do referencial da Terceira Crítica kantiana e da metafísica romântica do início do séc. 19), sobretudo no âmbito de sua reflexão musical, mostrando de que maneira a interpretação específica dessa categoria contribuiu para um conceito renovado de tempo.

Title: *The reconceptualization of time in “Negative dialectics” and the sublime in Adorno’s musical aesthetics*

Abstract: This ppostdoc project aims the disclosure of the fundamental theoretical elements concerning the non-formalist and non-linear notion of time implicit in Adorno’s critical philosophy. The research is organized into two major subjects. Firstly, it examines the reconceptualization of time within negative dialectics, showing Adorno’s motivations for this reassessment along with “his task to break through the delusion of constitutive subjectivity by means of the power of the subject” (as stated at *Negative Dialectics*); although such reassessment is already present in his famous conference “The idea of natural history”, it is fully developed in *Against epistemology: a metacritique* and in the second model of *Negative dialectics*. Secondly, this research discusses the singularity of Adorno’s assimilation of the romantic category of sublime, considered as an element of dissolution of artworks’ semblance character (*Scheincharakter*) in *Aesthetic theory*. Our intention is to point out the productivity of such assimilation (mostly based on Kant’s Third Critique as well as on the romantic metaphysics of instrumental music from the 19th century) especially in the context of his musical reflections; as such, we expect to point out how this particular interpretation of the sublime is also embedded in his reassessment of the philosophical concept of time.

1. Enunciado do problema e resultados esperados

Introdução

Em nossa pesquisa de doutorado, apresentamos a especificidade do conceito de tempo musical na filosofia de Theodor W. Adorno, sedimentado desde os escritos dos anos 1930 até os últimos ensaios sobre música contemporânea nos anos 1960. O trabalho estruturou-se em dois eixos temáticos. Procurou, em primeiro lugar, dar visibilidade aos pressupostos materialistas e históricos do conceito adorniano de tempo musical, forjado no entrecruzamento de sua metacrítica à teoria do conhecimento e de suas reflexões sobre formas musicais específicas. Tratava-se de mostrar como uma exegese particular das obras do período médio de Beethoven forneceu os critérios para sua crítica à “especialização do tempo” em Wagner, à “dissociação do *continuum* temporal” na técnica dodecafônica em Schoenberg e no neoclassicismo de Stravinsky (compositores cujas obras são analisadas nos dois ensaios de *Filosofia da nova música*) e, posteriormente, ao serialismo integral dos anos 1950. Procuramos indicar a persistência de um sentido tecnicamente específico de tempo musical no pensamento de Adorno, sendo pouco suscetível a revisionismos, em que pese a sensibilidade do autor às transformações do material musical na vanguarda do pós-guerra. Na segunda parte da tese, analisamos o debate que Adorno estabeleceu com os compositores e musicólogos da denominada Escola de Darmstadt ao longo dos anos 1950 e 1960, em especial sua confrontação com duas teorias do tempo musical, formuladas por Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen; uma confrontação que culminaria na conferência de 1961, *Vers une musique informelle*, possivelmente seu texto mais relevante sobre música no período. Embora os próprios ensaios de Adorno dos anos 1950 e 1960 confirmem a importância de sua confrontação com o serialismo, não havíamos identificado, entre os comentadores de Adorno, uma análise de suas implicações mais decisivas não apenas no campo da estética musical mas também em sua própria filosofia.

O trabalho buscou enfatizar, nesse sentido, o caráter interdisciplinar de seu conceito de tempo musical, cuja singularidade fundamentava-se em modelos críticos que se moviam maneira não hierárquica entre diversos domínios discursivos, desde a análise histórica das formas musicais e literárias à teoria do conhecimento e a crítica social. Desde nosso mestrado (cuja dissertação descrevia o campo das relações entre o pensamento de Bergson e o projeto composicional de Debussy), nossa pesquisa apoia-se no reconhecimento do estatuto propriamente objetivo e crítico suscitado pela configuração histórico-formal das obras de

arte. No caso de Adorno, sabemos que as formas musicais, enquanto campo de racionalização marcado pelo entrelaçamento da progressiva autonomização da técnica e de modalidades de conformação mimética da sensibilidade viabilizam a experiência de um conhecimento de caráter não proposicional. Seu programa interdisciplinar vê na forma musical mais do que fenômeno cultural limitado a especialistas, uma linguagem *sui generis*. Longe de ser o espaço para uma “metafísica compensatória”, a reflexão musical adorniana excede a circunscrição geralmente delimitada da filosofia da arte. Ela não constitui um apêndice ilustrativo de sua matéria filosófica “principal”, uma “filosofia aplicada” que preservaria a autoridade e a precedência do momento especulativo do conceito sobre o objeto. Como se sabe, Adorno procurava, antes, consolidar uma filosofia *da* música (e não *sobre*)¹, pensamento em si filosófico e não sistemático, orientado à objetividade da obra, através da qual um teor de verdade resultaria da tensão entre o conceito e a polissemia que caracteriza a racionalidade histórico-mimética; é nesse sentido que, para o filósofo, “uma análise do estado atual da música é iluminadora para a visão filosófica, assim como inversamente a reflexão filosófica não está separada da situação contemporânea da música”². Daí o propósito de reconhecer a dimensão especulativa que o exame de obras específicas oferece a um conceito filosófico “desencantado”, que não ignora seu momento histórico-mimético. Como indicava em *Dialética negativa*, “o conceito filosófico não renuncia à nostalgia (*Sehnsucht*) que anima a arte como algo desprovido de conceito”³.

*

Esta pesquisa de pós-doutorado busca desenvolver um conjunto de questões, superficialmente indicadas no processo final de nosso doutoramento, referidas à noção não-formalista e não-linear de tempo musical em Adorno. Com isso, pretendemos dar continuidade ao estudo sobre a dialética conceitual do tempo na filosofia crítica adorniana. Organizamos os problemas desta pesquisa em dois blocos, detalhados nas seções a seguir:

¹ Cf. ADORNO, *Dialética Negativa*, Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 36: “Não se deve filosofar *sobre* (*über*) o concreto, mas antes *a partir* (*heraus*) dele” (GS 6, 44)

² ADORNO, *Sobre a relação contemporânea entre filosofia e música* (GS 18, 164)

³ ADORNO, *Dialética Negativa*, p. 22 (GS 6, 27)

⁴ *Ibid.*, p. 8

² ADORNO, *Sobre a relação contemporânea entre filosofia e música* (GS 18, 164)

³ ADORNO, *Dialética Negativa*, p. 22 (GS 6, 27)

- 1) reconceitualização do tempo no plano mais abrangente da dialética negativa, apontando as motivações de Adorno para tal reavaliação no interior do projeto de “romper, com a força do sujeito, o engodo da subjetividade constitutiva”⁴. Embora o autor não tenha dedicado um texto específico a tal reavaliação, esta encontra-se prefigurada na conferência de 1932, “A ideia de história natural”, e desenvolvida amplamente na *Metacrítica à teoria do conhecimento* e no segundo modelo da *Dialética negativa* (“Espírito do mundo e história natural”). Após examinarmos a crítica imanente à “destemporalização” e indicar um conceito negativo e não-cronológico que emerge dessa crítica, pretendemos confrontá-la com a concepção *caiológica* de tempo em Walter Benjamin, decorrente de sua crítica materialista ao historicismo.
- 2) apropriação adorniana da categoria de *sublime*, considerada como elemento de dissolução do caráter de aparência das obras de arte, aplicada à estética musical. O objetivo será mostrar a especificidade e a produtividade de tal apropriação (que parte do referencial kantiano e da metafísica romântica do início do séc. 19), sobretudo no âmbito de sua reflexão musical, inicialmente a partir de comentadores como Albrecht Wellmer e Wolfgang Iser.

1.1 Reconceitualização do tempo na dialética negativa

Se, em nosso doutorado, privilegamos o estudo da formalização adorniana do tempo sob a perspectiva da reflexão estético-musical, trata-se de expor, na presente pesquisa, os elementos fundamentais de sua concepção propriamente epistemológica de tempo, isto é, a concepção que repercutue além dos trabalhos materiais sobre música. Lembremos que o tempo musical, para Adorno, não constitui um *continuum* contraposto ao tempo histórico-empírico, mas participa de uma dialética que, por um lado, define seus limites como negação determinada ao tempo da experiência social e, por outro, reflete como aparência tal negação na estrutura interna da obra, na mediação de sua sucessividade. Podemos dizer que uma orientação semelhante estaria no conceito filosófico de tempo que subjaz a metacrítica adorniana à história dos sistemas idealistas.

A fim de expor o primeiro conjunto de questões desta pesquisa, convém situá-lo inicialmente no contexto da *Dialética negativa* (DN), em particular na seção intitulada

⁴ *Ibid.*, p. 8

“Destemporalização do tempo” do modelo “Espírito do mundo e história natural” (DN, 274-277; GS 6, 325-328). Nessa seção, Adorno esboça uma interpretação materialista sobre a “negação do tempo” que incidiria tanto no sistemas idealistas modernos (de Kant e Hegel, este último objeto central do modelo), quanto naquelas “formas tardias de idealismo”, a metafísica intuitiva de Bergson, a fenomenologia de Husserl e, de maneira cifrada nesta seção, a ontologia fundamental de Heidegger. Para o leitor não precavido com o estilo paratático de Adorno, a seção levanta, de saída, duas grandes suspeitas: primeiro, seu arco histórico proposto é amplo demais – nada menos que a história da filosofia de Kant a Heidegger – para as poucas páginas dedicadas a uma questão nada secundária como a “destemporalização do tempo” no pensamento ocidental. Em segundo lugar, a argumentação adorniana revelaria as mesmas ambições de reavaliação do conceito de tempo que se manifestam nos pensamentos de Bergson, Husserl e Heidegger, que constituem, não obstante, o próprio objeto da crítica. Lembremos que, se em Bergson, por exemplo, a reavaliação se efetuará fundamentalmente pela disjunção entre tempo quantitativo/cronométrico e tempo qualitativo/orgânico da duração, em Heidegger, ela ocorreria no desvelamento da temporalidade constitutiva da existência. Em tais filosofias anti-platônicas, subjaz a primazia do devir em relação às formas estáveis do ser, uma “primazia da temporalidade”. Em outras palavras, tais filosofias já desejavam “inverter a marcha habitual do trabalho do pensamento”⁵, conforme a intuição enquanto método em Bergson, ou reafirmar a “necessidade de uma retomada da questão do ser” mediante a “destruição da história da ontologia”⁶, como sugere Heidegger.

No entanto, o exame mais atento dessa seção de *Dialética negativa* tende a dissipar as duas suspeitas. Por um lado, a modesta quantidade de páginas ao abordar uma complexa questão epistemológica em nada diminui seu alcance e sua eficácia crítica. Trata-se, afinal, de uma reflexão que consubstancia momentos críticos disseminados ao longo do livro. Por outro lado, em que pese certa convergência proposicional com as filosofias de Bergson e Heidegger, o interesse específico da dialética negativa diverge de qualquer projeto refundacionista que visaria reabilitar uma primazia ontológica, um princípio formal constitutivo da realidade, mesmo que esse princípio seja a própria inquietude do tempo, a instabilidade do devir. Para Adorno, a verdade possui um núcleo temporal; o tempo, no entanto, é apenas um dos aspectos da verdade.

⁵ BERGSON, *La pensée et le mouvant: essais et conférences*, Paris: PUF, 1985, p. 32

⁶ HEIDEGGER, *Ser e tempo*, 8. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013, Capítulo 1

Para que se possa esclarecer o propósito implícito na metacrítica empreendida nessa seção do livro, resumimos as linhas gerais da interpretação de Adorno quanto à inadequação do conceito a seu objeto (tempo) em Kant, Hegel e de Heidegger⁷. Vale enfatizar que nosso propósito, neste momento, é tão somente expor as linhas da interpretação adorniana, suspendendo qualquer avaliação sobre sua pertinência crítica que surgiria da confrontação mais circunstanciada. Em seguida, indicaremos a especificidade de um conceito adorniano, que, embora nunca enunciado pelo autor, permanece latente em sua metacrítica: um conceito não-formal, que inibe definições prévias e que emerge da mediação histórica entre conceito e experiência, sem a subsunção de um momento a outro. Nossa hipótese nesta pesquisa é a de que tal conceito especulativo – cujas implicações sociais e políticas, de resto, não são nada desprezíveis⁸ - fundamenta-se, em larga medida, mas não só, na ideia materialista de “história natural”, tema da conferência inaugural de Adorno em 1932 e momento central do segundo modelo da *Dialética negativa*.

Kant

Adorno constata, no interior da “Estética transcendental” da *Crítica da Razão Pura* kantiana, a “destemporalização do tempo” já na exposição transcendental do conceito puro de tempo como forma *a priori*, “sentido interno” da intuição sensível. O conceito puro resultaria da sobreposição de um esquema antropológico sobre a diversidade da experiência. Fundamentalmente, para Adorno, o equívoco do idealismo transcendental consistiria em assumir que “o objeto em sua totalidade pode ser encapsulado – ou dominado – pelo sujeito”⁹, ensejando uma idealidade “espontânea” da experiência constitutiva do sujeito, que seria devidamente colocado fora do tempo. Por isso, a intuição kantiana estaria comprometida com uma “contradição irresolúvel”: na medida em que espaço e tempo são, por um lado, intuições e, por outro, formas definidas como transcendentais, eles estabelecem uma idealidade mediada, resultando em representações (*Vorstellungen*) de uma representação. Para Adorno, espaço e tempo kantianos não seriam efetivamente nem

⁷ A escolha desses três sistemas é, para o propósito deste projeto de pesquisa, ilustrativa, visando apenas comprovar a recusa enfática de Adorno à qualquer ontologização do tempo, que teria caracterizado a história dos sistemas filosóficos (deixamos de lado, por exemplo, sua crítica imanente a Bergson e Husserl).

⁸ Ver, em outro contexto, HARVEY, *Condição pós-moderna*, São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 225: “A arquitetura barroca e as fugas de Bach exprimem os conceitos de espaço e de tempo infinitos que a ciência pós-renascentista desenvolveu com tanto zelo (...) Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais, uma mudança no modo de representação daqueles quase certamente gera algum tipo de modificação nestas”

⁹ O’CONNOR, *Adorno’s negative dialectic: philosophy and the possibility of critical rationality*, Cambridge: MIT, 2005, p. 4

intuitivos, nem puramente sensíveis. Seriam, antes, a abstração mais universal possível sob a qual um dado pode ser assimilado. Em *Para a metacrítica da teoria do conhecimento*, Adorno já sublinhava o paradoxo da “intuição pura” kantiana:

“A contradição está indicada linguisticamente pela nomenclatura ‘intuição pura’ do espaço e do tempo. Intuição, como certeza imediata dos sentidos, como recepção na figura do sujeito, nomeia um tipo de experiência que precisamente como tal não pode ser ‘pura’ e independente da experiência. Intuição pura seria um círculo quadrado, experiência sem experiência”

(ADORNO, *Para a metacrítica da teoria do conhecimento*, GS 5, 151)

A avaliação de que a intuição temporal – o “sentido interno” da forma da sensibilidade – seria um modo da experiência em seu aspecto formativo, idealmente constitutivo nos atos da espontaneidade da consciência, contradiz o caráter transcendental, anterior à experiência. Assim, a diversidade sensível que seria “dada” às categorias do entendimento já se encontra determinada pela experiência, sendo, portanto, mediada¹⁰. Adorno observa um contrassenso no fato de o esquematismo transcendental (estando fora do tempo) poder condicionar o mundo espácio-temporal sem que ele próprio se torne temporal. Isto é, *apesar* da passagem do tempo e *apesar* do momento somático implícito no conceito de experiência, a unidade sintética da apercepção em Kant mantém-se idêntica a si mesma, mantém-se atemporal. Em *Dialética negativa*, Adorno notava a mesma fissura no núcleo da “Estética transcendental”, no que diz respeito à sublimação da historicidade do tempo e sua conversão em ontologia:

“Quando Kant aprioriza o tempo como forma pura da intuição e condição de possibilidade de todo temporal, o tempo é por sua parte destacado do tempo. O idealismo subjetivo e o objetivo concordam nesse ponto. Pois a base comum para os dois [Kant e Hegel] é o sujeito enquanto conceito, despido de seu conteúdo temporal (...). Eles glorificam o tempo como atemporal, a história como eterna; e isso a partir do temor de que ela comece” (ADORNO, DN, 275; GS 6, 325)

Hegel

Não é casual que, na mesma passagem acima, Adorno considere que a “versão de dialética” (*Version von Dialektik*) de Hegel também estaria inscrita no processo histórico de ontologização. Para Adorno, Hegel busca “deduzir o tempo e eternizá-lo como algo que não tolera nada fora de si mesmo” (DN, 275). Tal operação conceitual do idealismo objetivo só se torna possível quando o sujeito permanece indiferente ao conteúdo temporal:

“na medida em que sua [Hegel] versão de dialética (*Version von Dialektik*) se estende até o próprio tempo, este é ontologizado: de uma forma subjetiva, ele se transforma

¹⁰ *Ibid.*, p. 113

em uma estrutura do ser enquanto tal, ele mesmo algo eterno” (ADORNO, DN, 275)

É bem verdade que a dialética negativa deve muito mais a essa “versão da dialética” hegeliana do que Adorno parece disposto a reconhecer. O conceito hegeliano (especulativo, não representativo) corresponde a uma totalidade dinâmica, que faz do tempo, como observa Paulo Arantes, “não o lugar em que se desenrola a mudança, mas a própria mudança pura”¹¹. A síntese sucessiva, outro nome para a totalidade dinâmica, é o momento constitutivo da pura negatividade, a forma do *negativo em si mesmo*, sua inquietude¹². Ao se exteriorizar como trabalho do espírito, a forma da temporalidade do conceito especulativo se distingue da forma da duração (*Dauer*) inscrita na natureza¹³; a primeira forma supera (*aufhebt*) a segunda, do mesmo modo que, no caso de Adorno, o tempo estético supera o tempo empírico. Para Hegel, a duração natural não “progride”, consiste na cíclica “repetição do mesmo”¹⁴. A negatividade produtiva do tempo liga-se à negatividade viva do conceito, constitui o “ser-aí imediato do Conceito”¹⁵. A história não emerge, portanto, da duração natural, mas do conceito, sendo a “trama de sua prosa”; isto porque o tempo é *sempre* histórico, processo de des-naturação. Na medida em que se manifesta no trabalho do conceito, na atividade do espírito, a *Entwicklung* constituiria sua força de “autoprodução”, o trabalho de “des-envolver” (*ent-wickeln*), do tempo.

Ocorre que, para a concepção de Adorno, a lógica hegeliana, em seu movimento de totalização da experiência por um Absoluto conceitual, “resigna-se a uma lógica atemporal” (DN, 274). Em que pese sua constitutividade histórica, seu conceito de tempo seria produzido inteiramente pela lógica (a qual, por sua vez, não é suscetível a mudanças), transfigurando-se em eternidade. Assim, embora retenha diretamente de Hegel a constatação da contradição interna do esquematismo kantiano, Adorno recusa aquilo que dita o movimento segundo Hegel: o impulso teleológico do espírito absoluto. A processualidade hegeliana, convertendo-se ela mesma em absoluto da verdade (a verdade, para ambos, possuindo núcleo temporal), coincide todavia com a razão existente, com o domínio das possibilidades atuais do

¹¹ ARANTES, *Hegel: a ordem do tempo*, São Paulo: Hucitec/Polis, 2000, p. 109

¹² *Ibid.*, p. 131

¹³ *Ibid.*, p. 211 Tempo e duração em Hegel distinguem-se pois “a natureza não compreende a si mesma, e é por isso que a negatividade de suas formações não existe para ela (...) História e não-história opõem-se e imbricam-se como tempo e duração” (*Ibid.*, p. 215). Nesse contexto, parece-nos razoável ver na duração natural a mesma essência correspondente ao tempo mítico/empírico na filosofia de Adorno.

¹⁴ *Ibid.*, p. 220

¹⁵ *Ibid.*, p. 173; Ver ainda o §46 da *Fenomenologia*: “(...) mas o tempo é o próprio conceito aí-essente. O princípio da grandeza – a diferença carente-de-conceito -, e o princípio da igualdade – a unidade abstrata sem-vida – não são capazes de apreender o tempo, essa pura inquietude da vida e diferenciação absoluta” (HEGEL, *Fenomenologia do espírito*, Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 52)

pensamento identitário. Para Adorno, o movimento retrospectivo de totalização da experiência em Hegel justificaria inclusive a própria radicalidade da contingência, confirmada *a posteriori* e racionalmente pelo princípio da causalidade: “A contingência não é apenas a figura do não-idêntico maltratada pela causalidade; ela mesma coincide também com o princípio de identidade” (DN, 286). Para Adorno, Hegel procuraria então a substância imanente e o eterno presente *sob a aparência* do temporal e do passageiro (DN, 274)¹⁶, definindo o momento dinâmico como atributo absoluto do conceito. Seu compromisso com a universalidade do conceito destemporaliza o tempo¹⁷.

Heidegger

Também as concepções de tempo das “formas tardias de idealismo” serão objeto da metacrítica adorniana na *Dialética Negativa*. A confrontação com Heidegger é de especial relevância no projeto adorniano, não só pelas razões ligadas ao momento de publicação da obra (a persistente influência de Heidegger nos anos 1960), mas sobretudo porque ambos insistem no caráter temporal-histórico da verdade, sem que disso resulte um novo historicismo. Assim como para a dialética negativa, a questão da historicidade é de especial interesse para a ontologia fundamental. No entanto, segundo Adorno, a ontologia de *Ser e Tempo* circunscreve a realidade às atividades constitutivas do *Dasein*, o que reabilita certo idealismo de maneira sub-reptícia e elimina, através de um expediente reconciliatório do pensamento da identidade, o caráter socialmente mediado da relação sujeito e objeto. Adorno examina, por exemplo (no exercício da crítica imanente de explorar as contradições internas do objeto), o uso da palavra “ser” no projeto da ontologia fundamental. Para Adorno, o uso do termo “ser” exige a abstração da mediação proveniente da cópula gramatical “é”, que ocorre entre sujeito e predicado em um juízo particular qualquer. Ocorre que a ontologia de Heidegger, na visão de Adorno, confundiria a significação específica que a palavra “é”

¹⁶ E assim, destina ao particular, ao individual, ao não-idêntico da razão existente, um papel negligenciável em seu esquema geral.

¹⁷ Na medida em que o “todo é o não verdadeiro” (conforme o *dictum* conhecido de *Minima moralia*), Hegel (para quem, no prefácio à *Fenomenologia do espírito*, “o verdadeiro é o todo”) teria falhado em reconhecer a abertura entre sujeito e objeto. Cf. SCHEIBLE, *Theodor W. Adorno: mit Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1989, p. 62 : “ ‘O todo é o não verdadeiro’ não é simplesmente a inversão da proposição ‘O verdadeiro é o todo’. Hegel não afirma “O todo é o verdadeiro”, pois nesse caso a verdade seria pressuposta como pura característica de um todo em si já existente: o todo em sua faticidade seria a verdade pré-ordenada. Para Hegel ocorre justamente o inverso: o todo é subordinado ao verdadeiro, mesmo quando o todo é identificado com o verdadeiro - a razão - por meio da cópula. O todo torna-se apenas o todo, porque ele é verdadeiro. Aqui fica claro que a identidade não significa simplesmente igualdade sem diferenças – nesse caso as proposições “O verdadeiro é o todo” e “O todo é o verdadeiro” seriam permutáveis -, mas significa antes que a identidade é realmente ‘a identidade da identidade e da não-identidade’. A proposição adorniana *O todo é o não verdadeiro* deve ser compreendida sob essas condições. Adorno não parte de um conceito positivo previamente dado de verdade, o que para Hegel coincide com a razão existente.”

adquire em cada juízo particular (o que deveria sugerir algo ôntico) com uma significação universal da cópula “é”, enquanto forma gramatical (DN, 93). Ou seja, o vínculo gramatical exposto em cada juízo particular (entre sujeito e predicado), em Heidegger, seria extrapolado e objetivado para formar o campo do ontológico. Nesse processo, contudo, depura-se aquele polo subjetivo que se encontrava inicialmente mediado na cópula “é”, restando apenas a forma abstrata da mediação em geral:

“a substituição da forma gramatical universal para o conteúdo apofântico transforma a capacidade ôntica do “é” em algo ontológico, em *um modo de ser do ser*” (DN, 94)

Ou seja, a fim de solucionar o problema da relação entre o ontológico e o ôntico, a estratégia de Heidegger consistiria em promover a ontologização do ôntico. Ele dissocia, portanto, o ser (colocado como puro vazio, nada do pensamento, abstração geral da forma gramatical) de sua própria historicidade. O tempo perde, então, seu caráter temporal:

“O próprio tempo e o efêmero são tão absolutizados quanto transfigurados pelos projeto ontológicos-existenciais. O conceito de existência (*Existenz*) enquanto conceito de essencialidade do efêmero, da temporalidade do temporal, mantém a existência distante por meio de sua denominação” (DN, 116)

Se a relação entre o ontológico e o ôntico aparece como problemática em Heidegger, é porque tais polos não estariam determinados dialeticamente – sabemos que, para o pensamento dialético adorniano, “nenhum ser é pensado sem o ente e nenhum ente sem mediação” (DN, 104). Absolutizar ontologicamente a existência (mesmo que marcada pela temporalidade) significa dissociá-la de seu próprio caráter efêmero. Na visão de Adorno, sob tal aspecto, Heidegger incorreria em problema semelhante ao de Hegel. Pois a suposta dicotomia entre tempo e eternidade na filosofia da história de Hegel (em Heidegger, entre temporalidade e existência), apontada por Adorno, ocorreria mediante o primado da abstração universal, torna-se estrutura do ser.

Para um conceito adorniano de tempo

Como dissemos, as críticas imanentes à “destemporalização do tempo” em Kant, Hegel e Heidegger, aqui apenas indicadas, partilham de um mesmo gesto teórico. Mas que concepção poderíamos depreender desse gesto para além de seu empenho metacrítico? Quais suas consequências? Em primeiro lugar, Adorno evita a reconstrução antropológica (ligada a esquemas de percepção) de um conceito de tempo. Seu conceito especulativo deve ser entendido como relação não totalizada entre sujeito e objeto. Para que se restabeleça a

“temporalização do tempo”, seria necessário supor um conceito *intratemporal, histórico*, um conceito *não-formal* que não se submete à representação unívoca de uma categoria universal. Se Adorno descrevia a atividade do espírito como devir, trata-se aqui de um devir no qual o próprio devir se sedimentaria (DN, 171). Assim, no gesto da crítica imanente, Adorno acaba fornecendo *ex negativo* seu próprio conceito, dado pela mediação da forma lógica e o conteúdo da experiência histórica. Tal conceito mostra-se avesso a qualquer imediatividade, sistematicidade ou teleologia, a qualquer substancialidade que venha a separar o momento lógico do conteúdo concreto da experiência. Como sabemos, a dialética negativa rejeita a busca pelo “fundamento” (“origem”, *arché*), *prima philosophia* que defenderia o aspecto pré-reflexivo, pré-lógico da experiência temporal (como a duplicação de Bergson entre *duração* e *tempo espacializado/cronométrico* sugere com maior evidência).

Ressaltemos esse ponto: Adorno não cinde abstratamente o não-idêntico de seu momento lógico; a identidade é momento fundamental do tempo, não apenas do seu conceito. Para a consciência dialética que não ignora o movimento de retroatividade lógica do conceito, “a transição (*Übergang*) da lógica no tempo gostaria de reparar ao tempo aquilo que a lógica lhe tinha produzido, aquilo sem o qual, contudo, o tempo não existiria” (DN, 276). Dito de outro modo, *o momento lógico, a identidade, assegura a visibilidade do conceito, já que o transcurso efetivo do tempo não é ignorado pela rememoração especulativa no próprio conceito de tempo: é assim que o conceito supera a mera duração ao conservá-la em si*. Contudo, a exigência de mediação do conceito não implica a subsunção da experiência temporal a um momento lógico. No último modelo da DN (*Meditações sobre a metafísica*), Adorno enfatizava que

“não é mais possível afirmar que o imutável seja a verdade e que aquilo que é perecível, seja aparência, isto é, não é mais possível afirmar a indiferença recíproca entre o temporal e as ideias eternas” (DN, 299)

Assim, transcendência e imanência não se reconciliam no conceito, contudo não são abandonados um em favor do outro. Em sua reciprocidade, um polo “corrige” o outro, por assim dizer: “A dialética está nas coisas, mas ela não existiria sem a consciência que as reflete; tão pouco quanto ela se dissolve na consciência” (DN, 175).

Benjamin

Poderíamos perguntar qual o propósito de uma pesquisa sobre a atualidade do conceito de tempo no interior da dialética negativa. Uma resposta possível seria dada pela

ideia de “história natural”. O conceito adorniano permite recusar, por um lado, a ilusão de narrativas lineares, progressivas de uma “história universal” (*Universalgeschichte*), do historicismo e seus regimes de “temporalidade mítica”, como qualificava Adorno em consonância com as reflexões da Benjamin sobre a história. O conceito não forneceria a imagem positiva do desenvolvimento temporal, mas objetivaria mostrar a *ausência* de totalidade da história. Por outro lado, permite-nos tomar precaução em relação a filosofias que se apoiam na instabilidade do tempo como fundamento do real, que se apoiam no caráter radicalmente contingencial do acontecimento histórico. Pois se trata de encontrar, no conceito de natureza, uma categoria ela mesma historicamente construída e, no conceito de história, a reversão em aparência de natureza, em “segunda natureza”, que se revela “tanto mais mítica quanto mais se mostrar histórica”. As noções de *descontinuidade* e *cesura*, que Adorno assimila de Benjamin, aqui atuam de maneira decisiva, devendo ser compreendidas à luz da contradição não resolvida entre universal e particular. Ou seja, tais noções não prescindem de um conceito enfático de verdade; tampouco de um conceito dialético de progresso¹⁸.

Sabemos que, assim como a teoria estética, a teoria do conhecimento é uma das formas privilegiadas nas quais a crítica social em Adorno adquire concretude. Por meio de um conceito negativo de tempo, poderíamos dizer que Adorno procura conjurar, no interior da abstração metafísica, a má infinitude e a continuidade de um tempo progressivo e linear da dominação social. Ao contrário do que os sistemas filosóficos em sua abstração declaram, o tempo reificado da divisão social do trabalho – aquela “especialização do tempo” segundo a *História e consciência de classe*, de Lukács, mencionada por Adorno – não é, afinal, eterno. A utopia, cuja imagem Adorno se abstém de fornecer, está no horizonte dessa inquietude.

Nesse sentido, além de investigarmos de maneira circunstanciada a metacrítica resumidamente exposta acima, buscaremos nesta pesquisa confrontar a concepção adorniana com aquela presente na filosofia da história de Walter Benjamin, de resto, determinante para a proposta metodológica implícita na ideia de “história natural”. Em especial, analisaremos a concepção *caiológica* do tempo messiânico, o *kairós* qualitativo, tempo-do-agora (*Jetztzeit*) marcado pela descontinuidade que interrompe a “cronologia tranquila” e o acúmulo narrativo do historicismo, tal como as teses *Sobre o conceito de história* indicavam¹⁹. Pretendemos,

¹⁸ Cf. ADORNO, *Progresso*. In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*, Petrópolis: Vozes, 1995

¹⁹ Cf. GAGNEBIN, *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 80: “Este momento do despertar, de concentração de energias, de tensão de todas as forças do sujeito preenhe das riquezas da lembrança (...) é o momento da construção consciente, o *Kairos* da intervenção decisiva que pára o curso do tempo, que quebra o mau infinito do desenrolar histórico (...) (Benjamin concentra-se) nas mônadas privilegiadas que retêm a extensão do tempo na intensidade de uma vibração, de um relâmpago, de um *Kairos*”.

assim, articular o teor da metacrítica de Adorno com alguns tópicos da reflexão historiográfica benjaminiana – em especial as concepções de “memoração” (*Eingedenken*) e “transmissão” (*Überlieferung*)²⁰, a distinção entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) – procurando acentuar pontos de convergência e divergência entre os autores, bem como avaliar regimes de causalidade e narratividade mencionados por Adorno, como o que subjaz à ideia psicanalítica de “ação diferida” (*Nachträglichkeit*)²¹, concebendo o passado como o não-idêntico, como campo aberto para reinscrições de sentido. Tal confrontação permitirá indicar a atualidade da concepção adorniana no âmbito das discussões recentes sobre a incidência das categorias benjaminianas da filosofia da história bem como a atualização de categorias do historicismo (de Reinhart Koselleck, por exemplo) para a compreensão das dinâmicas internas do neoliberalismo como modo de organização social: discussões para as quais o último livro de Paulo Arantes constitui, no Brasil, uma contribuição decisiva²².

1.2 Sublime musical em Adorno

Como etapa constitutiva desta pesquisa de pós-doutorado, objetivamos um estudo sobre a interpretação particular da categoria de sublime na reflexão estético-musical adorniana. O propósito consiste em dar continuidade ao exame das interações entre os modelos da metacrítica filosófica adorniana e modelos provenientes de sua estética musical. Em nossa tese de doutorado, analisamos as noções de intensividade dramática e extensividade épica na formalização dialética do tempo musical, mas não nos dedicamos ao estudo da categoria de sublime, esteticamente considerada, nesse contexto. Se encontramos

Cf. capítulo 5 (*História e cesura*) do mesmo livro. Para comentário circunstanciado das Teses e suas implicações político-sociais, ver LÖWY, *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, São Paulo: Boitempo, 2005

²⁰ A apresentação de tais concepções, que norteiam o materialismo histórico de Benjamin, é um dos objetivos centrais de GAGNEBIN, *Limiar, Aura e Memoração: Ensaio sobre Walter Benjamin*, São Paulo: Editora 34, 2014, em especial, dos caps. 11 e 12. Vale ressaltar que o interesse da crítica de Benjamin ao historicismo (tanto sua forma burguesa quanto em sua versão historiográfica socialista), crítica partilhada por Adorno, não é apenas de ordem metodológica, mas, como esclarece Gagnebin no prólogo, a reconstrução conceitual do tempo, do passado, responde a um interesse de ordem ética e política.

²¹ Embora trabalhada em outro contexto, parte da discussão aqui proposta encontra-se em nosso artigo SOCHA, *Sismogramas do choque: considerações sobre o choque em “Teoria da vanguarda”, de Peter Bürger, e em “Filosofia da nova música”, de Theodor W. Adorno*. In: *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 55, n. 129, p. 133–152, 2014

²² ARANTES, *O novo tempo do mundo*, São Paulo: Boitempo, 2014. Ver, em particular, no longo ensaio inicial, o debate sobre a “destemporalização do tempo histórico” em autores contemporâneos de tradições tão distintas como Moishe Postone, Manuel Castells e Francis Fukuyama, e a interpretação do “presentismo” a partir do quadro referencial experiência-expectativa de Reinhart Koselleck. Lembremos que, desde a década de 1970, com a tese de doutorado *Hegel: a ordem do tempo*, a reflexão teórica sobre o conceito de tempo está no centro dos trabalhos de Paulo Arantes.

uma bibliografia considerável a respeito da reconstrução dessa categoria em *Teoria estética*²³, ainda são raros os trabalhos que indicam sua relevância para a ensaística musical de Adorno.

No presente projeto de pesquisa, o estudo sobre o sublime musical visa um duplo interesse. Em primeiro lugar, procura indicar a singularidade da interpretação adorniana da analítica do sublime em Kant (que constitui, com efeito, a base para discussão entre belo e sublime na *Teoria estética*) e a incidência de aspectos da “metafísica romântica da música instrumental”; isto é, procura compreender a leitura adorniana no interior da tradição estética alemã do século 19 (em autores como Ludwig Tieck, Wilhelm Wackenroder, E.T.A Hoffmann), que associava o sublime à ideia de música absoluta²⁴, à autonomia da forma musical, ou, como afirma Adorno em *Teoria estética*, às obras cuja estrutura “transcende-se sob pressão do teor de verdade, ocupando o lugar que outrora indicava o conceito de sublime” (TE, 297). Em segundo lugar, procura indicar a maneira pela qual a categoria de sublime se articula na reavaliação do conceito filosófico de tempo, ou seja, indicar sua produtividade para além do campo da estética musical, particularmente no encaminhamento da dialética negativa.

Sublime na Crítica do Juízo e na estética romântica musical

Para uma adequada contextualização, convém retomar aspectos da analítica do sublime que seriam fundamentais para a interpretação adorniana²⁵. No livre jogo das faculdades, o sublime matematicamente considerado resultaria do conflito entre a imaginação e uma exigência da faculdade da razão por uma representação absoluta da totalidade. O sentimento do sublime seria “aquilo em comparação com o qual tudo o mais é pequeno”²⁶, o absolutamente grande, provocado por objetos da natureza. O sublime não está contido na forma sensível, mas nas ideias subjetivas da razão (KANT, CFJ, §23). Assim, ao contrário do belo, o sublime kantiano é um fundamento em nós, reside na intuição que comporta as ideias de infinitude e de totalidade. A faculdade da imaginação, diante das exigências de fornecer

²³ Uma lista com trabalhos significativos recentes sobre o sublime em Adorno encontra-se em FREITAS, *A arte moderna como historicamente-sublime - um comentário sobre o conceito de sublime na teoria estética de Th. Adorno*. In: *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 54, n. 127, p. 157–176, 2013. Dentre eles, destacamos Wolfgang Welsch, “Adornos Ästhetik: eine implizite Ästhetik des Erhabenen”; Albrecht Wellmer, “Adorno, Modernity, and the Sublime”; María Isabel Peña Aguado, “Theodor W. Adorno. Die Transformation des Erhabenen in der Ästhetischen Theorie”. E, em chave crítica à centralidade da categoria de sublime na estética adorniana, CACHOPO, *Verdade e enigma - Ensaio sobre o pensamento estético de Adorno*, Lisboa: Edições Vendaval, 2013.

²⁴ Cf. DAHLHAUS, *The Idea of Absolute Music*, Chicago: University Of Chicago Press, 1991, p. 41.

²⁵ KANT, *Crítica da faculdade do juízo*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, par. 23–29.

²⁶ *Ibid.*, p. 96. Doravante denominada como “CJ”.

uma representação conveniente do objeto natural, revela-se inadequada, incapaz para avaliar sua grandeza. Isso porque a razão requer a *compreensão* (*Zusammenfassung*, uma representação completa, única) e não a mera *apreensão* (*Auffassung*, temporal, sucessivo) da totalidade desse objeto, uma solicitação que não é cumprida pela faculdade da imaginação. Ao falhar nessa representação de uma instância do infinito (como totalidade absoluta), o sujeito kantiano experimenta a sensação de dor e desprazer²⁷. Quando considerado dinamicamente, o ajuizamento do sublime provoca a sensação de desprazer, medo e terror, na medida em que a força e o poder de tais objetos da natureza são o índice da insignificância da capacidade do sujeito de resistir a eles (CFJ, 104). Contudo, é precisamente nessa falha que o sujeito descobriria dialeticamente as capacidades superiores da faculdade da razão. O desprazer que se dá no plano da sensibilidade atesta a limitação das capacidades de representação da imaginação, mas também indica a força ilimitada das ideias da razão²⁸. Ou seja, na medida em que as ideias de infinitude e totalidade absoluta podem ser *pensadas*, ainda que não determinadas (já que a sensibilidade não é constitutiva para tais ideias), a razão revela-se como faculdade superior à própria magnitude indiciada pelos objetos que provocam o sentimento do sublime. Mais do que a superioridade da razão em relação à imaginação, o sublime revela a superioridade do tempo; afinal, para efetuar sínteses, ou seja, reproduzir intuições prévias visando uma representação, a imaginação atua *contra* o curso do tempo, contra o sentido interno da intuição, a ordem linear da sucessividade. Ao falhar na representação do sublime, a imaginação encontra seu limite e confirma a superioridade do tempo. O sublime, como auto-reflexão, revela o núcleo temporal da subjetividade.

É verdade que, para Kant, a categoria de sublime não se aplicaria às obras de arte, mas a objetos da natureza. Entretanto, já no final do século 18, o sublime tornou-se, no âmbito da estética musical, a categoria central para a transição do paradigma platônico (baseado na interrelação entre *logos*, *rhythmos* e *harmonia*, em que o canto desempenha papel constitutivo²⁹) em direção à “metafísica romântica da música instrumental”, base da ideia de música absoluta³⁰; uma transição que coincide com a passagem do esquema polifônico da fuga para o esquema homofônico da sonata como modelo predominante composicional no

²⁷ WURTH, *Musically Sublime: Indeterminacy, Infinity, Irresolvability*, New York: Fordham University Press, 2009, p. 67

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Na concepção platônica que prevaleceu até o século 17, *Harmonia* correspondia a relações racionalmente sistematizadas entre sons; *rhythmos*, o sistema do tempo musical, *logos*, a linguagem como expressão da razão humana. Música sem linguagem, sem *logos*, seria um tipo deficiente de música” (DAHLHAUS, *The Idea of Absolute Music*, p. 8)

³⁰ *Ibid.*, p. 24

classicismo. A defesa da música puramente instrumental, dissociada de funções (seja para divertimento da corte ou para fins eclesiásticos), oposta à música programática, não significava apenas a primazia da indeterminação radical dos objetos musicais, ou seja, a defesa da ausência de palavras, sentimentos ou afecções. Mas apontava para a superação de formas pré-estabelecidas, para o comprometimento com o princípio de autonomização formal, sem referência a outras artes. Segundo E.T.A. Hoffman, um dos precursores dessa metafísica romântica (juntamente com Tieck e Wackenroder), é somente com o sinfonismo do período médio de Beethoven que a música se desloca da expressão do belo (da construção formal equilibrada, exemplificada pelo esquema da sonata em Haydn e Mozart) para uma *experiência direta do sublime*, configurando assim a materialização romântica mais bem acabada da “infinita nostalgia”, a *Sehnsucht* romântica. No conhecido artigo de 1810 sobre a música instrumental de Beethoven, Hoffmann articulava a forma sinfônica com a emergência do sublime, aprofundando a dimensão histórica da “metafísica romântica da música instrumental”:

“a música instrumental de Beethoven inaugura o reino do descomunal (*Ungeheuern*) e do incomensurável (*Unermeßlichen*). Raios atravessam a noite profunda desse reino, e nós percebemos aqui e ali suas sombras enormes, aproximando-se até a destruição de nós mesmos, mas não a destruição da dor e da nostalgia infinita (...) Beethoven emprega todos os meios do terror, do medo, do espanto, da dor, e desperta a nostalgia infinita (*unendliche Sehnsucht*) que é a essência do romantismo. É um compositor puramente romântico.”³¹

Para além da fraseologia tributária do sublime kantiano, vale enfatizar o que está sendo proposto pela metafísica romântica de Hoffmann. Inicialmente, poderíamos compreender que a música instrumental, para ele, estaria investida de significado metafísico, sendo o veículo de expressão de ideias indeterminadas da razão. Contudo, o que Hoffmann propõe é que as ideias de absoluto, infinito, eterno – ideias estas que pertenceriam à indeterminação radical da nostalgia e do sublime – tais ideias seriam *elas mesmas* musicalmente forjadas³². Somente em razão da *indeterminação* das formas musicas, e não da determinação do conceito, é que podem ser pensadas. Para Hoffmann, o sinfonismo de Beethoven não expressa esta ou aquela afecção determinada, mas evoca o que está para além dos sentidos, além do imaginado, criando assim o *estilo do sublime*³³. A tese de que a música

³¹ HOFFMANN, *Beethoven Instrumentalmusik*. In: *Kreisleriana*, Stuttgart: Reclam, 1983, p. 137

³² WURTH, *Musically Sublime*, p. 48

³³ DAHLHAUS, *The Idea of Absolute Music*, p. 44: “O estilo que caracteriza a música instrumental de Beethoven é, conforme as escolhas terminológicas de Hoffmann demonstram, o ‘sublime’, em vez do ‘belo’;

verdadeira é a música instrumental³⁴, por ser “linguagem acima da linguagem”, decorre da pura indeterminação de seu objeto, livre da faticidade de textos ou funções, livre de elementos, por assim dizer, extra-musicais. Ou seja, a pura indeterminação, a perda de si nessa nostalgia infinita (*unendliche Sehnsucht*), a retirada para o mundo interior e consequente acentuação romântica do medo e da dor, não seriam “defeitos” da obra de Beethoven, mas, ao contrário, a marca de um novo estilo sinfônico do sublime³⁵. A associação entre o sinfonismo de Beethoven e o sublime passa pela articulação com uma ideia do dramático. A aproximação com uma ideia de drama musical realizada por Hoffmann é decisiva para compreendermos não só a recepção romântica posterior de Beethoven no século 19 (Wagner e Schopenhauer, por exemplo), mas também, como desejamos avaliar nesta pesquisa, a recepção crítica de Adorno.

Sublime musical em Adorno

Em seus fragmentos sobre Beethoven³⁶, Adorno assimila – ao menos implicitamente – a relação estabelecida por Hoffmann entre a natureza dramática do sinfônico e o sublime, o que compromete, todavia, as ambições da autonomia formal. Ou seja, em que pese a defesa do ideal absoluto da música instrumental, *locus* do desenvolvimento autônomo das formas, o momento utópico apontado pela reflexão adorniana sobre o sublime em Beethoven depende de uma estreita relação com o drama. De modo semelhante à interpretação de Hoffmann, para Adorno, em peças do período médio, como os primeiros movimentos da Eroica, da 5ª Sinf ou da 7ª, por exemplo, haveria a superação dialética da passagem temporal, a condensação do devir em um tempo do agora que colide com o tempo vazio da experiência social e que se assemelha “à *epítase* no drama clássico”, ou seja, o desdobramento da ação principal³⁷. Em diversos momentos, Adorno reitera a analogia entre drama clássico e sonata: o plano do conflito dramático corresponderia à seção central do desenvolvimento (*Durchführung*), a

Hoffmann alude à ideia de associar a música do classicismo com a ideia estética do belo, e, em contraste, a música romântica como sublime”

³⁴ *Ibid.*, p. 60

³⁵ *Ibid.*, p. 54 Um estilo que se distanciava, como vimos, tanto do paradigma platônico (em que o *logos*, a palavra, possui relevância) quanto da estética do belo e do sentimento. A revelação do absoluto se dissocia de toda esfera afetiva. Em resumo, se a estética do belo ainda prevalece no classicismo de Haydn e Mozart (Haydn queria escrever peças de caráter), a estética do sublime surge apenas com Beethoven.

³⁶ ADORNO, *Beethoven - Philosophie der Musik: Fragmente und Texte*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993, §91. Redigidos ao longo de pelo menos vinte anos, os fragmentos (consistindo em notas preparatórias, registros de diário, conferências, textos avulsos) foram coligidos e finalmente publicados em 1993 no volume *Beethoven – Philosophie der Musik*, editado por Rolf Tiedemann, que manteve o título originalmente proposto por Adorno.

³⁷ Conforme a poética de tradição aristotélica, a *epítase*/conflito consiste no desdobramento da ação principal, posterior à *prótase*/introdução e anterior à *catástase*/desenlace, partes que formariam a estrutura da tragédia clássica.

seção B no esquema ABA' da sonata, na qual o trabalho de interação motivico-temática se efetua, na qual os temas passam por uma *travessia* (por uma *Durchfahrt*). Beethoven realizaria, assim, uma figuração dramática da totalidade³⁸. Uma figuração que Adorno observa claramente nas sinfonias do período médio:

“O confronto com o tempo representava a preocupação mais crucial do drama e da música sinfônica (...) O tempo do drama absoluto seria o lampejo (*das Nu*) que reluz da perfeita cristalização de todas as relações temporais dentro da ação; não é diferente do caso da sinfonia, que por meio de seu trabalho motivico – o equivalente musical da dinâmica dramática do conflito – não apenas preenche (*erfüllt*) o tempo, mas atribui significado sobre ele, faz desaparecer o tempo. Beethoven provê o caso exemplar dessa interrupção dialética do tempo.” (ADORNO, *O esquema da cultura das massas*, GS 3, 312)

Para Adorno, a interrupção dialética do tempo, figuração dramática da totalidade e do sublime, teria sido musicalmente formalizada de maneira mais bem sucedida no 1º movimento da 3ª *Sinfonia em mi bemol maior, a Eroica*. Conforme analisamos detalhadamente em nosso doutorado, Beethoven teria inaugurado nessa obra uma relação “espantosa” entre totalidade (no contexto, o esquema formal da sonata) e particularidade (ou seja, o trabalho de desenvolvimento temático, posição dos temas e a expressão do não idêntico por meio da variação temática). Uma relação na qual a particularidade, o trabalho temático, assume o papel construtivo da totalidade, da forma, que a um só tempo afirma e nega a forma sonata³⁹. Projeta-se uma ideia de desenvolvimento para além dos limites impostos pela forma, uma ideia que o esquema clássico já não consegue suportar. Haveria aqui a absorção imanente da forma *pela* forma (imanência esta que produziria a “transcendência” crítica da forma). Notemos como, em TE, Adorno insiste nessa analogia do sinfonismo de Beethoven com o sublime, em contraposição ao belo do classicismo de Haydn e Mozart:

“O sublime que Kant reservava à natureza tornou-se constituinte da arte (...) A doutrina kantiana exprime que o sublime não é compatível com o caráter de aparência da arte; analogamente talvez à maneira como Haydn reagia a Beethoven” (ADORNO, TE, 298;301)

Em resumo, pretendemos, nesta etapa da pesquisa, investigar o alcance da categoria do sublime na constituição histórica das formas musicais segundo Adorno, partindo da

³⁸ A configuração dessa totalidade surge de uma interrelação teleológica dos momentos em um plano do conflito, que por sua vez está “emoldurado” por uma prótase e uma catástase.

³⁹ Uma relação na qual a posição de um idêntico (tema ou conjunto temático) e uma conseqüente expressão subjetiva do não-idêntico (na variação temática).

bibliografia sobre o tema aqui indicada. Esperamos assim indicar a atualidade da estética adorniana no movimento de recuperação da categoria de sublime para a crítica filosófica mais recente⁴⁰, bem como sua produtividade no interior da reconceitualização do tempo em *Dialética negativa*.

3. Cronograma de execução do projeto

Considerando o prazo ideal para a execução desta pesquisa (4 semestres), sugerimos inicialmente o seguinte cronograma:

1º e 2º semestres: nos dois primeiros semestres, a pesquisa deverá percorrer as linhas da interpretação adorniana da “destemporalização do tempo” na história dos sistemas, segundo o plano da *Dialética negativa*, em conjunto com a *Metacrítica da teoria do conhecimento*, procurando dar visibilidade ao conceito de tempo, tal como descrevemos na seção 1.1 acima. Procuraremos igualmente investigar as principais objeções levantadas contra a metacrítica adorniana. Ressaltamos que um dos propósitos desta pesquisa é também mostrar a centralidade da filosofia da história benjaminiana e do conceito de “espacialização” de Lukács na dimensão crítica do conceito adorniano, o que nos permitirá mostrar eventualmente de que maneira tal dimensão pode contribuir a uma compreensão dos pressupostos de teorias historicistas contemporâneas, como a de Reinhart Koselleck. O material pesquisado servirá de base para participações em eventos, propostas de curso, e publicações em revistas especializadas. Paralelamente, realizaremos a revisão final da nossa tradução de *Quasi una fantasia*, livro de Adorno, para o qual redigiremos também o prefácio, cujo conteúdo refere-se à segunda etapa desta pesquisa.

1º sem/2018: estudo da incidência de elementos da metafísica romântica alemã sobre o pensamento crítico-musical de Adorno, em especial a assimilação do conceito kantiano de sublime (que será mais enfatizada na pesquisa) e a ideia da música instrumental como música

⁴⁰ Se, em Lyotard, a categoria de sublime constitui um dos marcos orientadores de toda sua filosofia (como o autor manifesta em *Lições sobre a analítica do sublime*, *L'inhumain* e *L'intérêt du sublime*), ela é não menos relevante para Philippe Lacoue-Labarthe (*La vérité sublime*) e Jean-Luc Nancy (*L'offrande sublime*), sobretudo na discussão a respeito dos limites entre *representação* e *apresentação* na arte contemporânea. Ver a coletânea de ensaios reunidos LACOU-LABARTHE *et al*, *Du sublime*, Paris: Belin, 1988. Quanto à produção musical, argumenta Safatle: “(...) um conceito recorrente na análise da produção estética dos últimos cinquenta anos, seja no campo das artes visuais quanto no campo da produção musical, é a categoria de sublime”, havendo “relevância em sustentar a pertinência de tal recorrência” (SAFATLE, *Sublime por atrofia: Beethoven, Webern e a reconstrução adorniana do conceito de sublime*. In: NOAVES, Aduino (Org.), *O silêncio e a prosa do mundo*, São Paulo: Ed. SESC, 2014, p. 383)

absoluta, conforme exposto na seção 1.2 acima. Parte dos resultados desta etapa também se concretizará em participações, proposta de curso, e artigos.

2ºsem/2018: por fim, devemos articular o material das etapas anteriores, demonstrando a reciprocidade entre, por lado, a metacrítica, enquanto princípio metodológico de construção da dialética negativa que assume o caráter histórico e transitório da verdade, e, por outro, a conscientização histórica do problema do tempo musical, sob a perspectiva da dialética do sublime na *Teoria estética*.

4. Disseminação e avaliação

Assim como já realizado durante nosso doutoramento, a disseminação dos resultados ocorrerá mediante a publicação regular de artigos em revistas especializadas em filosofia e mediante comunicações, cursos, palestras em congressos, simpósios e encontros nacionais e internacionais. Parte da produção prevista nesta pesquisa deverá integrar o conteúdo do prefácio ao volume *Quasi una Fantasia*, de Adorno, que pretendemos redigir para nossa tradução a ser publicada pela Editora Unesp na “Coleção Adorno – Obras Completas” durante o segundo semestre de 2017. Propõe-se ainda a publicação do resultado final desta pesquisa em livro.

5. Bibliografia inicial selecionada

- ADORNO, Theodor W., *Gesammelte Schriften in 20 Bänden [GS]*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1986; Berlin: Directmedia-Suhrkamp [Digitale Bibliothek, CD-ROM], 2003.
- ADORNO, Theodor W. *Beethoven - Philosophie der Musik: Fragmente und Texte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. *Para a metacrítica da teoria do conhecimento*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- ADORNO, Theodor W. *Progresso*. In: *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter. *Theodor W. Adorno - Walter Benjamin: Briefwechsel 1928 - 1940*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Hegel: a ordem do tempo*. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas - Vol. III - Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da História*. In: *Obras Escolhidas - Vol. I - Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BERGSON, Henri. *La pensée et le mouvant: essais et conférences*. Paris: PUF, 1985.
- BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute*. New York: Free Press, 1979.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- CACHOPO, João Pedro. *Verdade e enigma - Ensaio sobre o pensamento estético de Adorno*. Lisboa: Edições Vendaval, 2013.
- DAHLHAUS, Carl. *The Idea of Absolute Music*. Trad. Roger Lustig. Chicago: University Of Chicago Press, 1991.
- DUARTE, Rodrigo. *Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- FREITAS, Verlaine. *A arte moderna como historicamente-sublime - um comentário sobre o conceito de sublime na teoria estética de Th. Adorno*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 54, n. 127, p. 157–176, 2013.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, Aura e Rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.
- HOFFMANN, E.T.A. *Beethoven Instrumentalmusik*. In: *Kreisleriana*. Stuttgart: Reclam, 1983.
- JIMENEZ, Marc. *Theodor W. Adorno: art, idéologie et théorie de l'art*. Paris: Union générale d'éditions, 1973.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden; Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- KLEIN, Richard. *Die Frage nach der Musikalischen Zeit*. In: *Adorno-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Stuttgart: Metzler, 2011, p. 59–74.
- KOSSELLECK, Reinhart. *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*. Trad. Keith Tribe. New York: Columbia University Press, 2004.
- LACOU-LABARTHE, Philippe; LYOTARD, Jean-François; NANCY, Jean-Luc; et al. *Du sublime*. Paris: Belin, 1988.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classes*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MUSSE, Ricardo. *Theodor Adorno: filosofia de conteúdos e modelos críticos*. *Trans/Form/Ação*, v. 32, n. 2, 2009.
- O'CONNOR, Brian. *Adorno's negative dialectic: philosophy and the possibility of critical rationality*. Cambridge: MIT, 2005.
- PADDISON, M. *Adorno, Time, and Musical Time: Response to Stephen Decatur Smith*. *The Opera Quarterly*, v. 29, n. 3–4, 2013. Disponível em: <<http://oq.oxfordjournals.org/cgi/doi/10.1093/oq/kbt034>>.
- PADDISON, Max. *Adorno's aesthetics of music*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- PADDISON, Max. *Performance, Reification, and Score: The Dialectics of Spatialization and Temporality in the Experience of Music*. *Musicae Scientiae*, v. 8, n. 1 suppl, p. 157–179, 2004.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SAFATLE, Vladimir. *Sublime por atrofia: Beethoven, Webern e a reconstrução adorniana do conceito de sublime*. In: NOAVES, Adauto (Org.). *O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: Ed. SESC, 2014.

- SCHEIBLE, Hartmut. *Theodor W. Adorno: mit Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1989.
- SOCHA, Eduardo. *Sismogramas do choque: considerações sobre o choque em “ Teoria da vanguarda”, de Peter Bürger, e em “ Filosofia da nova música”, de Theodor W. Adorno*. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 55, n. 129, p. 133–152, 2014.
- WURTH, Kiene Brillenburg. *Musically Sublime: Indeterminacy, Infinity, Irresolvability*. New York: Fordham University Press, 2009.
- ZIMMERMANN, Norbert. *Der ästhetische Augenblick Theodor W. Adornos Theorie der Zeitstruktur von Kunst und ästhetischer Erfahrung*. Frankfurt am Main: P. Lang, 1989.